

SARAUS POÉTICOS: EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E TRADIÇÃO¹

Tamires Drielly de Araújo Pereira Peixôto²

Resumo:

O objetivo do artigo é ressaltar a relevância do sarau poético enquanto uma manifestação artística - cultural que promove educação não formal. A pesquisa de investigação bibliográfica, também se apoia no método de sistematização das experiências sociais vivenciadas nos saraus poéticos que acontecem na região metropolitana da cidade do Recife-PE. Para análise, foram consideradas as seguintes categorias: cultura popular; educação popular; as funções da oralidade, partindo dos pressupostos teóricos: vocalidade, recepção, performance e tradição. Para isso foram trazidos alguns recortes históricos, frisando a importância de alguns movimentos, são eles: de cultura popular e educação popular; movimentos poéticos que aconteceram na região metropolitana do Recife, dentre eles, o Movimento de Escritores Independentes (MEI); movimentos poéticos que acontecem no Recife atualmente. Elegemos enquanto objetos de análise o Grupo Cultural do Alto José do Pinho - Poesis e o Sarau da Boa Vista. Conforme análise de dados, os saraus poéticos se estabelecem como uma prática de educação não formal, que contribui para a manutenção de uma tradição oral que dá continuidade e ressignifica as práticas culturais da época medieval. Numa perspectiva transdisciplinar da educação os saraus poéticos também se configuram como uma fonte de conhecimento e pesquisa com relevantes conteúdos para a educação formal.

Palavras-chave: Sarau; Oralidade; Recife; Educação.

Resumen:

El objetivo del artículo es destacar la relevancia de la velada poética como una manifestación artístico-cultural que promueve la educación no formal. La investigación bibliográfica también se basa en el método de Sistematización de las Experiencias sociales vividas en las veladas poéticas que tienen lugar en la región metropolitana de la ciudad de Recife-PE. Para el análisis, se consideraron las siguientes categorías: cultura popular; educación popular; Las funciones de la oralidad, a partir de los supuestos teóricos: vocalidad, recepción, interpretación y tradición. Para ello se trajeron algunos recortes históricos, enfatizando la importancia de algunos movimientos, son: cultura popular y educación popular; movimientos poéticos que tuvieron lugar en la región metropolitana de Recife, entre ellos, el Movimiento de Escritores Independientes (MEI); movimientos poéticos que suceden hoy en Recife. Elegimos como objetos de análisis el Grupo Cultural de Alto José do Pinho - Poesis y Sarau da Boa Vista. Según el análisis de los datos, las veladas poéticas se establecen como una práctica de educación no formal, lo que contribuye al mantenimiento de una tradición oral que da continuidad y ressignifica las prácticas culturales de la época medieval. En una perspectiva transdisciplinaria de la

¹Artigo produzido como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Espanhol) da UFRPE/SEDE, sob a orientação do professor pós doutor Iedo de Oliveira Paes;

²Graduanda em Literatura em Letras (Português/Espanhol) pela UFRPE.

educación, las veladas poéticas también se configuran como una fuente de conocimiento e investigación con contenidos relevantes para la educación formal.

Palabras clave: Sarau; Oralidad; Recife; Educación.

Introdução

A poesia está para o Recife, assim como o Recife está para a poesia! As diversas manifestações artísticas - poéticas que se apresentam do centro ao subúrbio nos levam a caminhos históricos, em que os saraus passam de meros entretenimentos entre nobres e se tornam grito de resistência e denúncia em tempos difíceis.

É através da reunião entre as pessoas, regadas a música e poesia que se discutem articulações políticas, se valoriza artistas, poetas e poetisas, que se transforma poesia em poema impresso, gerando renda e promovendo literatura e educação informal. Os saraus ganham às ruas do Recife, ruas que Manuel Bandeira cantou agora são tomadas pelos novos poetas e poetisas que continuaram a história, que deram continuidade a Geração de 45 ao Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (MEI) e que hoje se articulam promovendo a arte, lutando pelos equipamentos culturais e concretizando a educação popular e não formal.

Ao longo deste trabalho, citaremos dois relevantes saraus que acontecem mensalmente no Recife, o primeiro do Grupo Poesis - Grupo Cultural do Alto José do Pinho (GCAJP), que acontece na periferia do Recife- PE desde 1980. Surge com os movimentos underground do bairro Alto José do Pinho. O segundo, o Sarau da Boa Vista, que em março do ano 2023, completou 10 anos de existência no centro do Recife-PE e dá continuidade ao movimento de Poesia Marginal da década de 80. Apesar da existência de vários outros movimentos na cidade do Recife e região metropolitana, o recorte desta pesquisa restringe-se a esses.

Um passeio pelas ruas históricas do Recife nos leva a uma imersão poética e por uma gama de movimentos poéticos vivos e vividos, atuantes hoje. Logo, surgem as seguintes questões: por que a academia e a educação formal estão tão afastadas destes movimentos? Não seria mais significativo para os educandos aprender arte, cultura, poesia, sentindo, ouvindo, vendo estas manifestações?

Enxergar a poesia como algo vivo, um movimento real, diverso, que dá continuidade ao clássico, mas perpassa as póstumas linhas poéticas presente no livro

didático. Identificar a importância destes movimentos para a educação, para a sociedade como um todo e pensar sobre as questões acima, sobretudo no lugar de fala de pesquisador (a), acadêmico (a) levou a problemática: qual a relevância do sarau poético enquanto uma manifestação artística - cultural que promove educação não formal?

Portanto, partindo dos pressupostos da educação não formal promovidos por Paulo Freire, com base nas teorias da oralidade e performance de Paul Zumthor buscaremos as respostas acima, tendo em vista, a marginalização histórica de tudo que foi considerado popular e que se difundiu a partir da oralidade.

Para isso, utilizaremos as seguintes categorias de análise: cultura popular; educação popular; as funções da oralidade, partindo dos pressupostos teóricos: “vocalidade, recepção, performance e tradição” na perspectiva de Zumthor (1997). A partir de um breve histórico sobre esses movimentos, discutiremos sobre o afastamento da educação formal destas manifestações poéticas. Faremos um recorte histórico sobre saraus poéticos e sua existência hoje no Recife e investigaremos o sarau enquanto uma manifestação artístico-cultural que promove tradição e educação.

Através desse apoio teórico, das experiências vivenciadas a partir do método de Sistematização de Experiências (JARA, 2006) sociais nos saraus poéticos que acontecem na região metropolitana da cidade do Recife-PE, faremos uma breve abordagem acerca do assunto. No desenrolar do artigo, caminharemos por quatro tópicos até chegarmos às considerações finais.

Leituras e vivências

Reforçamos que o presente artigo se embasa em leituras bibliográficas e no Método de Sistematização de Experiências na perspectiva do autor Jara (2006). Sendo assim, serão consideradas as vivências no sarau poético, objeto de estudo deste artigo. A partir da retomada dessas experiências nos saraus, uma análise crítica sob um olhar investigativo, pudemos identificar através da sistematização de informações, as intencionalidades, os sentidos e significados dessa prática. Nesse processo de identificação de aprendizagens significativas, ressignificamos essas vivências, a partir de um método.

Sarau, poesia e historicidade

O sarau é uma reunião social com fins culturais, com apresentações artísticas, poéticas, que podem acontecer de maneira mais intimista ou espetacular. Ao fazer um desenho no imaginário, de como seria o cenário de um sarau, veríamos: pessoas compartilhando experiências, música de fundo ou voz e violão e intervenções poéticas e artísticas.

De certo, uma configuração que não mudou muito desde o Brasil Imperial conforme descreve Serogl (2013):

As reuniões familiares com intuito artístico ganham força no Brasil Imperial, sobretudo, para apresentar os dotes musicais das moças... as oportunidades que possuíam as mulheres de realizar uma aproximação aos círculos de música ou às academias de arte estavam bastante dificultadas pelo fato de que as atividades artísticas eram, nesse momento, consideradas somente aos homens. (SEROGL, 2013, p. 3)

Apesar da configuração e de ainda haver uma predominância masculina em alguns saraus, na atualidade eles ganham uma conotação política. Identificamos que desde a escolha do local, data, menção honrosa ao artista e outras características, a palavra, o verso, a performance se manifestam a cargo de algo maior, social, coletivo, transgressor. Tradicional, no sentido da historicidade na perspectiva de Zumthor, que se apresenta na poética e na identidade do artista e do ouvinte.

Sendo assim, o que no século XIX se configurava os costumes de uma burguesia aristocrática, no geral, ao entardecer como a própria origem da palavra sarau, do latim seranus/sérum. Hoje se entende enquanto um ato político, de liberdade de expressão, de prática social de sujeitos (as) e sobretudo, um espaço de educação não formal.

Geralmente, se configura como um evento aberto ao público, explícito, que traz um caráter integrador, libertário. Tendo como base alguns saraus que acontecem no Recife e região metropolitana, podemos afirmar que a maioria desses eventos abre espaço para que as pessoas falem, expressem sua arte e ou resgatem os clássicos literários. De toda forma, é uma prática de incentivo à leitura, criatividade, enriquecimento cultural e construção política e de identidade.

É na iminência da palavra que ganha lugar na expressividade do corpo, que o verbo, o ritmo se revela e manifesta “o espírito humano”. Para Zumthor (1997, p.177)

Toda palavra poética (passe ou não pela escrita) emerge de um lugar interior e incerto, bem ou mal, se nomeia por metáforas: fonte, fundo, eu, vida... Lugar e tempo onde, num excesso de existência, um indivíduo encontra a história e, de maneira dissimulada, parcial, progressiva, modifica regras de sua própria língua.

Nesse sentido, o autor afirma que a linguagem se torna secundária, bem como, ultrapassa as linhas do texto. A poesia oral, permite o ato da performance: momento exato em que os sujeitos se encontram, a voz ativa do poeta e quem a recebe. “A escuta, do mesmo modo que a voz, ultrapassa a palavra.” (ZUMTHOR, 1997, p.178)

Essa “recepção” é individual, a partir da identificação dos sujeitos ou do leitor com a obra poética, mas também pode ser coletiva. A tradição permite essa identificação com a voz poética, num processo de reminiscências transmutadas para a contemporaneidade, dentro da historicidade de um novo espaço/tempo.

Nesse sentido, o sarau se torna um corpo poético, que ora individual, ora coletivamente impele participantes e transeuntes a um encontro do passado com o presente. Através da arte, de um conjunto de elementos que imprimem teatralidade a esse corpo.

A poesia se move no tempo mobilizando sentimentos, ganhando novos sentidos, numa articulação de conhecimentos que além da construção de reconhecimento e pertencimento de uma identidade, desemboca numa prática educacional.

Há poesia no Recife

Há poesia na boêmia, do centro às periferias o movimento poético no Recife dá continuidade ao movimento de cultura popular, de educação informal desembocando numa prática de resistência cultural.

Caminhando pela história da educação de base, hoje conhecida como educação popular, podemos fazer um recorte histórico que nos leva a um processo de transição de uma educação instrucional. Que trazia as intencionalidades políticas de um Estado que queria instruir as camadas mais populares a votar.

Para alcançar esse público, iniciou-se um processo de institucionalização do ensino primário, pois o acesso às primeiras letras era de responsabilidade da família, logo

quem acessava era a elite da época que dominava as letras. Em 1930 a educação de base se difunde, a fim de alcançar a população rural.

Conforme Brandão (2009) foi com o Movimento de Cultura Popular em 1960, à luz de ideais de universalização da educação, promoção de um estado laico, que a educação popular ganhou outros sentidos. Movimento com a marcante atuação de Paulo Freire.

A criação dos Centros de Cultura Popular (CPCs) que era um reduto de inúmeras expressões artístico-culturais com estratégias de aproximar as pessoas das camadas mais populares. Promovia uma educação revolucionária, intencionando mudanças políticas, sociais e econômicas. A União Nacional dos Estudantes (UNE) esteve ligada a esses movimentos.

Hoje tomamos a educação popular enquanto uma educação significativa, que faça sentido, se aproxime da realidade daquele público ao qual ela se apresenta. Sendo assim, os movimentos poéticos que acontecem nas ruas do Recife se configuram um movimento de educação popular.

Avançando um pouco mais na história, chegaremos ao Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (MEI) que aconteceu no Recife em 1980. Que com base no documentário da Jema Produções, disponível no *youtube* através do Portal Interpoética chamado MEI ao MEIO (2015), pois não tivemos acesso a outros documentos, consiste na reunião de alguns estudantes do Colégio 2001, inspirados pelo professor Pedro Américo e a professora Flor Pedrosa, que trabalhavam na instituição.

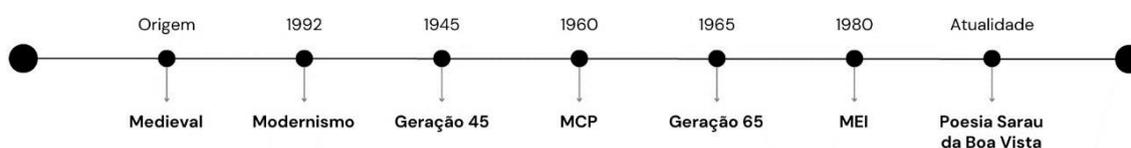
Os jovens se reuniam nas ruas do Recife, subiam num banco ou até mesmo no hidrante, especialmente na rua Sete de Setembro Recife-PE, e declamavam suas poesias, as pessoas se aglomeravam para ver a manifestação.

Dentre outros nomes que fizeram parte do movimento, citamos Jorge Lopes, Fátima Ferreira, Eduardo Martins, Cida Pedrosa, Raimundo Martins, Lívia Barros, Wilson Freire, Josualdo Menezes, Hector Pellizzi e Francisco de Paula Machado (poeta Chicão).

Segundo as vozes dos próprios poetas citados acima, entrevistados no documentário, não havia um lugar certo ou dia para estas manifestações, bem como, às vezes eram aplaudidos outros agredidos pelos transeuntes.

A poetisa Cida Pedrosa, poetisa integrante do MEI, afirmou no documentário que na época, vendeu 1.000 exemplares do seu livro. Falou de um momento em que tentaram integrar a União Brasileira de Escritores (UBE) em 1986. Para ela, a dissolução do movimento se deu de maneira natural, pois a chapa não foi eleita para a UBE.

Nessa tessitura alinhavada pela oralidade e na perspectiva de Zumthor pela voz poética, se constroem os movimentos de poesia. O Recife de Manuel Bandeira, do modernismo da Geração 45, do movimento pernambucano (especificamente Jaboatão dos Guararapes) da Geração 65, do MEI (1980) até a atualidade. A presença marcante dos saraus, do derramamento de palavras tão carregadas de histórias, inspirações e aspirações seguem uma trajetória, conforme o recorte histórico discutido neste trabalho:



Linha do tempo criada para ilustrar o exposto acima

Vozes poéticas do sarau

Situado no Recife-PE, no Alto José do Pinho, um bairro marcado por sua efervescência e diversidade cultural, por suas lutas políticas e pelas manifestações religiosas de matriz africana. O Grupo Poesis – Grupo Cultural do Alto José do Pinho (GCAJP) se construiu, dentro da cena musical de 1988. Tendo como principal propulsor o professor, poeta e artista Jailson de Oliveira.

Inicialmente o Poesis foi criado para transformar a comunidade, com práticas sociais voltadas para o coletivo e conquistas políticas na localidade, desenvolvendo ações solidárias e se utilizando da arte para isso. Continuavam o legado de lutas de vários moradores que os precederam.

“Portanto, as forças produtivas são o resultado da energia prática dos homens, mas esta mesma energia é circunscrita pelas condições em que os homens se acham colocados, pelas forças produtivas já adquiridas, pela forma social anterior, que não foi criada por eles e é produto das gerações precedentes”.
(MARX, ENGELS 1846/2010, p.100)

Ainda hoje o grupo desenvolve um importante papel social na comunidade. Teve uma significativa atuação no auge da pandemia da COVID-19 e segue engajado na luta política pela creche pública do Alto José do Pinho.

Uma energia que acompanha gerações, resultando numa força comunitária de mobilização e transformação social. Dessa maneira são feitas as manutenções das tradições orais e a propagação de sua existência no mundo, como afirma Zumthor (1997, p.282):

A língua, liame da coletividade, propicia a única possibilidade de *fazer conhecer* o nome a conduta dos ancestrais, assim como a razão de ser do grupo no dia-a-dia; mas a palavra oral, interiorização da história, não se desenrola no tempo como uma sequência de acontecimentos; ela se sucede dialeticamente a si mesma, em cada vez que nela ressoa a totalidade de nosso ser-no-mundo.

Importante frisar a função educativa do Poesis no Alto José do Pinho, na construção e continuidade de uma identidade comunitária e propagação da história do Alto. Assim como, com as oficinas de contação de história e outras ações educativas com crianças.

O Poesis atualmente conta com um espaço construído em cima da casa de Jailson de Oliveira que reúne pessoas diversas para discutir pautas artísticas e políticas, sobretudo para a comunidade. Mensalmente, de maneira independente, sem incentivos financeiros, reúne pessoas e coletivos para fazer saraus musicais e poéticos.

Caminhando um pouco mais para o centro do Recife, temos o Sarau da Boa Vista, cujo slogan é “onde todas as palavras são bem-ditas”, completou 10 anos de sua trajetória e atuação no Recife no ano de 2023.

Fundado em 2013 na Budega do Selva, um bar ao ar livre que ficava na rua da Conceição nos arredores da Praça Maciel Pinheiro, bairro da Boa Vista Recife-PE. O poeta paraibano de Cajazeiras, Aldo Lins, que reside em Pernambuco desde 2002 foi o criador do Sarau da Boa Vista.

Mensalmente, em bares e restaurantes do Recife, nos arredores de praças e em eventos pontuais, ocupa as praças e fachadas de lugares históricos do Recife. Tem apoio de alguns parceiros para custeio de equipamento de som, dentre outros custos, são eles: SINTEL, SINDICONTA e Sindicato dos Bancários

Como o Sarau não tem uma sede própria, foi condicionado a mudar de estabelecimento várias vezes, algumas intencionalmente, a exemplo, de quando acontecia no Maremoto Bar e Restaurante, que fica na rua do Hospício, em frente ao Teatro do Parque, bairro da Boa Vista. Estar nesse local, era uma forma de protesto para que o teatro voltasse a funcionar, pois passou cerca de 10 anos fechado numa suposta reforma.

Assim como outros grupos artísticos que ocupam o Recife, além da expressão poética e do fazer educacional, há um engajamento social, político muito significativo que marca as ruas do Recife e desemboca em benefícios para a sociedade.

O Sarau da Boa Vista já participou e promoveu audiências públicas sobre patrimônio materiais e imateriais, prestação de contas a respeito de eventos educacionais. Arte e política, uma expressão que permeia e ultrapassa os versos do poema, a ação concretiza o poder da palavra.

Um dos eventos muito importantes do Sarau da Boa Vista, é a *Caminhada Poética*, uma reunião de pessoas de diversos segmentos artísticos que saem em procissão recitando poesias pelas ruas do centro do Recife. Algumas paradas em pontos turísticos-culturais são previamente estabelecidas, a exemplo da Casa de Clarice Lispector que fica na Praça Maciel Pinheiro. Onde homenageiam a poetisa e denunciam o descaso governamental e esquecimento do casarão deteriorado.

Dessa maneira, emoções individuais, culturas, identidades interligadas, transmitem o tempo, movendo-se. “A performance de uma obra poética encontra, assim, a plenitude de seu sentido na relação que liga àquelas que a precederam e àquelas que a seguirão. Sua potência criadora resulta de fato, em parte, da *movência* da obra.” (ZUMTHOR, 1997, p.285)

Como arautos da poesia, os saraus disseminam suas vozes pelo mundo. Vemos nesses movimentos, o que em outras palavras, afirmou o escritor Ferreira Gullar sobre a arte, fazendo-nos refletir (sobretudo no momento da pandemia da COVID-19) como a vida se torna insuficiente sem ela.

Valorizar o artista, seja poeta, músico, em vida! Afirmar que a poesia e o fazer literário estão vivos, presentes nas anunciações de pessoas comuns. Que publicaram ou não livros que estão fora da mídia, mas continuam a história de Jorge Lopes, Chico Espinhara, Fátima Ferreira (MEI) pelas ruas do Recife, Mercado da Boa Vista, Praça Maciel Pinheiro.

O Sarau da Boa Vista tem um calendário anual de atividades, um diferencial desse calendário, é que previamente estabelecem os homenageados de cada edição do sarau. A intenção é avivar e reconhecer a história dos homenageados.

Atualmente o Sarau da Boa Vista, que acontece no Largo de Santa Cruz, bairro da Boa Vista, Recife-PE, completou 10 anos no dia 30 de março de 2023 em que promoveu a 113ª edição de aniversário. Continuação de uma tradição oral que retoma aos tempos medievais.

Foi um momento de muita alegria e regozijo, pois muitos dos movimentos poéticos que acontecem no Recife, lutam para sobreviver sem incentivos governamentais, por isso, muitos têm um tempo de vida curto.

Saraus como o Poesis e Sarau da Boa Vista são referências pelo tempo e pela atuação política, social e função educativa. Mesmo na pandemia da COVID-19 permaneceram atuantes de forma virtual.

“Vocalidade, performance e tradição”

Pensar nos pressupostos afirmados e construídos por Paul Zumthor é uma retomada da historicidade que permeia os bairros do Recife e toda a movimentação artística, sobretudo poética que nele acontece. É enxergar nos saraus poéticos a tradição de como vida e arte aconteciam na época medieval, até os movimentos posteriores. No contexto do Recife, especialmente a Geração 65 e o Movimento de Escritores da Liberdade (MEI).

Sendo assim, dentre as obras que Paul Zumthor escreveu, para este tópico, nos embasamos principalmente nos livros *A letra e a Voz* (1993) e *Introdução à Poesia Oral* (2010). Nessa perspectiva citaremos os termos vocalidade, recepção, movência, performance e tradição instituídos pelo autor.

A poesia e seus arautos não nasceram da palavra escrita porque a vocalidade, diríamos, onipresente, sempre foi e é, antes mesmo do instrumento gráfico que coloca a escrita no papel. Mas, através da escritura se personifica. A voz poética se move (no sentido de movência de Zumthor) a partir da interpretação, da recepção do leitor ou ouvinte. O texto é vivo, apesar de situar um tempo e um espaço, se mistura a contemporaneidade.

Para Zumthor, a voz preexiste à escrita, e na mobilização dos sentidos de um corpo material, também na mobilização das emoções (sobretudo na poesia), num ato de performance, a voz poética se constrói.

Nesse conjunto de sentidos e sensações, permeado pela cultura e continuidade da tradição. A historicidade dialoga com o passado, o presente e a ressignificação do que está sendo lido. A performance é individual, mas a partir da tradição se torna coletiva no imaginário social dos indivíduos que partilham dos mesmos elementos culturais.

Reiteramos que “o poeta e a poesia não nasceram nas páginas do livro” (MATOS, 2018, P.86), que a partir da oralidade, a vocalidade se faz na palavra presente, na voz, na leitura que articula o corpo e os sentidos.

A poesia presente nos Saraus mareja os olhos de quem ouve o poema de Chico Espinhara, de Miró da Muribeca (poetas integrantes do MEI, em memória). A voz poética presente no texto declamado, se apresenta no poeta que se torna leitor/intérprete e nessa performance, move na escritura a historicidade, as marcas do espaço/tempo, continuando a tradição. Como no poema do livro *O Penúltimo Olhar sobre as Coisas* (2016) do poeta Miró da Muribeca:

*fico olhando o mundo
não me sinto bem agora
agora sinto um
desejo
de não estar mais aqui
mas agora que aqui estou
suporto meus
54 quilos
e vários amores que se foram
a vida é um ônibus
vai levando você
o problema é em que parada
nós vamos descer*

A recepção disso tudo mobiliza memórias, identidades coletivas e emoções tão particulares, individuais, talvez, até indescritíveis. Isso é ação, energia, poesia!

A literatura se torna pequena diante do exposto. Não contempla, não abarca esta força vital que a poesia traz. A literatura, é um fenômeno do século XVIII que Zumthor sabiamente a diferencia de poesia. “Se houve pecado não sei, mas se antes me ofuscaram a visão, hoje vejo” (João 9,25).

Zumthor descortina nossos olhos chamando a atenção para a força da palavra, da voz, da historicidade que emerge do texto e que transcende o tempo a partir da recepção de outrem e do sentimento gerado, esta performance que faz com que tantas Marias se

identifiquem com o poema “Força Feminina” da poetisa Mauricea Santana (poetisa atuante nos movimentos poéticos do Recife):

*De onde vem essa força?
Que aprendi desde menina
O quanto é tão poderosa
A tal força feminina
Tive grandes professoras
Lá no morro que vivia
Mulheres admiráveis
Dentre as dificuldades
A esperança resistia
Sempre que vinha a tristeza
Prevalecia a alegria
Coincidentemente
Trazem o nome de Maria
{...}
A pouco me peguei a pensar
Daí me fiz a pergunta
De onde vem tanta força?
A resposta tava nelas
Naquelas Maria tão belas
Nos exemplos por elas recebidos
Pois a beleza não está no corpo bonito
O encanto ta contido
No que elas trazem por dentro
Nas histórias de luta e superação
Pois uma mulher bonita e inteligente
Firme e resistente
Não se faz em academias
E nem se constrói sozinhas
São feitas uma das outras
Na luta do dia a dia
Formam uma usina de forças
E abastecem o coração*

A voz de tantas mulheres da periferia ressoa histórias de ruptura, de ciclos de violência reforçados pela estrutura social. Uma luta latente na vida da poetisa e reconhecida no olhar dos que a ouvem, sobretudo, das lágrimas que se derramam na face das mulheres presentes.

Pode-se observar a teatralidade no corpo e na apresentação de Miró e de Mauricea, a teatralidade que remonta às denúncias, posicionamentos políticos a que a arte também era empregada na obra de Shakespeare. Mais à frente no tempo, podemos enxergar nas palavras desses escritores, a poetisa Carolina de Jesus, a escritora Conceição Evaristo.

Essa movência que Zumthor aborda, que transcende o espaço/tempo, que traz no peso da voz poética, historicidade. Através da recepção, a performance se mobiliza nos

sentidos individuais de quem ouve, mas a partir da cultura se apresenta no olhar de cada espectador. Essa identificação, faz a manutenção que o autor chama de tradição.

Assim acontecem os saraus, na voz poética de vários corpos que declamam e cantam os ecos de tantas reminiscências que de maneira consciente ou não é ressignificado na atualidade.

Como os versos do livro *O clamor Negro* (2016) da escritora, poetisa Odailta Alves (participante dos saraus poéticos no Recife) que escancara o racismo institucional, denunciando-o. Valoriza a pele preta em todos os seus traços, do nariz mais largo aos cabelos crespos tão renegados socialmente. Sensações e sentimentos históricos se movem no tempo, nomeando um racismo estrutural que ultrapassa gerações.

[...]
*Que as chibatadas só
Nos livros de História
Sejam lembradas
E juntos também venham
Os heróis, as heroínas, as vitórias:
Zumbi, Dandara, Malês,
José do Patrocínio, Benguela, glória*

*Que meus cabelos
Sejam inocentados
Do crime que não cometeram
Não mataram
Não roubaram
E são ruins?
Coitados...
Que nada!*

*São lindos, cacheados,
Crespos, pretos
Castanhos, enrolados
[...]*

A poesia incontida, inconformada, política, metafórica ou não, mas em seu ritmo próprio, dilacera o peito dos que ouvem, especialmente dos que sentem esta dor. Na expressividade desta identidade preta em que vida e obra se misturam, a sociedade para ao ouvir as palavras cortantes desta poetisa que fere o racismo tão socialmente presente.

Assim é a poesia, a voz que ecoa e se estende pelo espaço/tempo, trazendo memórias, reminiscências, vozes de outrora através da performance, reconhecida individualmente, na tradição da historicidade pertencente a cada ser.

Neste corpo presente, se forma um sarau, único, diferente e ao mesmo tempo tão parecido, oriundo de movimentos que estão em constantes transformações, que se atualizam ressignificado pela presença da voz poética.

Paul Zumthor, ao estudar os documentos medievais, abordou sobre a movência destes movimentos. Foi de professor pouco convencional ao nomadismo de suas viagens, passando pela Europa, pelo Nordeste brasileiro, enxergou e percebeu além, no cotidiano, lá estava o medieval, tão atual e presente, como aconteceu no MCP e nas manifestações oriundas da educação popular.

Nesta movimentação os saraus também se autoafirmam, atingem um grupo de participação constante e outros transeuntes que ouvem, se interessam, participam ou simplesmente prestigiam.

A educação nas ruas, de maneira prática, significativa e instigante, fora dos muros da escola, em parques, praças, atingem o âmago dos que se permitem ou são impelidos a parar e contemplar aquela manifestação.

Ainda que levemos em conta os aspectos da informalidade, a educação presente nos saraus se apresenta de maneira transdisciplinar, podendo caminhar para os aspectos da análise formal da literatura dentro do próprio gênero sarau e em suas diversas figuras de linguagens até a subjetividade do poema. Assim como, para os aspectos filosóficos, sociais e políticos presentes no texto, na interpretação, vida e obra do autor ou autora.

Logo, o sarau poético enquanto uma manifestação artística – cultural que promove educação não formal, é de suma importância para a construção de uma identidade individual e coletiva. Então, por que a academia e a educação formal estão tão afastadas desses movimentos?

O afastamento da educação formal, da academia, dessas manifestações artísticas e poéticas que permeiam o Recife reproduzem o preconceito e a marginalização experimentados desde que o processo de escrita foi institucionalizado.

Considerações finais

Há um movimento vivo que permeia as ruas do Recife, que sempre existiu desvinculado da escola e da educação formal. Que traz ainda mais significado às palavras dos autores fúnebres dos históricos livros escolares.

Refletir sobre o afastamento da educação formal destas manifestações, levou a uma imersão sobre os aspectos da educação não formal e a importância da poesia, dos poetas e do movimento poético vivo que circunda a região metropolitana do Recife.

Vendo pelo viés do recorte histórico dos movimentos de educação e cultura popular, identificamos que houve um entendimento deturpado do que se configura popular ou tradicional, a separação da oralidade e da escrita, numa relação de sobreposição.

Sobreposição, que sabiamente Paul Zumthor refuta em seus escritos ao abordar sobre a importância da oralidade. Ao trazer um aporte histórico sobre os tempos medievais, em que tudo começava pela oralidade, as apresentações poéticas, a teatralidade tomava corpo na oralidade performática. Ele afirma que “uma forma qualquer de oralidade precede a escritura ou então é por ela intencionalmente preparada, dentro do objetivo performático.” (ZUMTHOR, 1993, P.109)

O autor afirma que a oralidade vem antes da escrita, mas que coabitaram ao longo dos anos. O preconceito, a marginalização das formas orais e a supervalorização da forma escrita nos levou a essas concepções errôneas.

Os saraus se estabelecem enquanto um importante movimento poético, histórico, que possibilita discussões formais e não formais numa perspectiva transdisciplinar da educação.

Possibilitando a interação prática e construção de saberes que vão desde os aspectos formais e estruturas da literatura, até os subjetivos, concernentes a poesia, sociedade e política.

Estudar o autor, trazer um recorte dos seus estudos para este artigo, fez refletir também sobre o processo de escritura. Que transita livre, liberto destas amarras da escrita enquanto norma culta, que na escrita também, a voz se personifica ao ser lida ou ouvida através da performance.

Constatar que a oralidade além de preceder a escrita, ecoa num corpo que lê, ouve, que entra em contato com a voz poética.

Portanto, ao estudar tantas culturas em suas viagens, Zumthor ressignifica os termos, trazendo a reflexão sobre vocalidade, tradição e historicidade, enquanto conceitos que se movem e se recriam através do tempo, mas sobretudo na comunicação entre os sujeitos e/ou da obra.

Assim se fazem saraus, nesta poética, corpo, vozes que não se contém. Que precisam continuar a tradição, toda a historicidade na força do verbo, da palavra/ação, da recepção e performance.

A partir da sistematização dessas vivências constatamos que assim a vida se apresenta, cotidianamente, e a poesia perpassa o tempo, incontida, devassa, devaneando as eras através dos corpos. Nas manifestações culturais desde sempre.

Nos saraus presentes em parques, praças, quase sempre fora dos muros institucionalizados da educação formal, mas presentes nas vozes de educadores, poetas e poetisas que dão continuidade ao Movimento de Cultura e Educação Popular.

Urge a necessidade de significar os processos de aprendizagens, tornar a educação mais atrativa. Entender que a escola é um reflexo da comunidade e nesta práxis educacional interligada se constrói os saberes. A vivência no sarau poético promove saberes e incentiva o saber fazer.

Cabe-nos agora pensar sobre estes aspectos, buscar as poucas experiências que encontramos com pessoas que transitam na área artística, escritoras e escritores que, no geral, também são professores e conseguem fazer um trabalho prático de valorização dos saraus poéticos e dos aspectos concernentes à poesia e à escrita criativa.

Assim, a voz poética perpassará gerações através dos corpos. Como vemos atualmente nos Slams e manifestações pontuais com a presença de um público mais jovem, se referindo aos saraus citados neste trabalho.

A identificação e apropriação dessa geração mais jovem, não apenas permite a disseminação destes movimentos de produção poética, sobretudo nos espaços de educação formal. Como faz a manutenção, promovendo sua continuidade e existência.

Referências

- BARBOSA, Iaranda. *Clamor Negro de Odailta Alves*. Mirada. Março, 2021. Disponível em: <Clamor Negro, de Odailta Alves | Mirada (miradajanela.com) > acesso: 20.08.2023.
- BRANDÃO, Carlos; ASSUMPÇÃO, Raiane. *Cultura Rebelde: escritos sobre a educação popular hoje e agora*. São Paulo: Ed. Paulo Freire, 2009.
- Bíblia, A.T. João. *In Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo – SP. Editora NVI, 2023.
- COELHO, Germano. *MCP: história do movimento de cultura popular*. Recife: ed. do Autor, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Trad. Maria Viviana V. Resende. Brasília. Ed. MMA, 2006.
- LEITE, Ricardo. *Aqui do Alto a História é Outra: A narrativa dos moradores do Alto José do Pinho*. 1 ed. Recife: Magis, 2009.
- MATOS, Edilene. *A voz e suas poéticas*. Repertório, Salvador, ano 21, n. 30, p. 81-99, 2018.1.
- MURIBECA, Miró. *Revista Arara: arte e literatura na América Latina*. Disponível em: <Poemas de Miró da Muribeca - Revista Arara (arararevista.com) > acesso: 20.08.2023.
- REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. 2ª ed. Recife: organizações Magdalena Almeida, 2005.
- SERGL, Marcos Júlio. *Saraus, récitas líricas, bailes e concertos ituanos: as sinhazinhas e seus dons musicais, embebidos em gengibirra e quitutes*. In: *9º Encontro Internacional de Música e Mídia: 'o gosto da música'*, 2013, São Paulo. O gosto da música: 9º Encontro Internacional de música e Mídia. São Paulo: MusiMid, 2013.
- TENNINA, Lúcia. *Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n 42. Brasília, jul. /dez. 2013. Disponível em: Acesso: 19/08/2023.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Tradução Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. *Introdução a poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.